

Doi: 10.17058/rzm.v13i2.19718

ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO NA MÍDIA DIGITAL: UM GESTO DE ANÁLISE

EVENTO PERIODÍSTICO EN MEDIOS DIGITALES: UN GESTO DE ANÁLISIS

JOURNALISTIC EVENT IN DIGITAL MEDIA: A GESTURE OF ANALYSIS

*O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia*
(Carlos Drummond de Andrade)



Fernanda Luzia Lunkes¹

Ceres Carneiro²

Resumo: A partir de um acontecimento jornalístico relacionado à política, que ocorreu em agosto de 2022 no interior de uma churrascaria de São Paulo, nossa análise, vinculada à Análise de Discurso de base materialista, incide nos processos de textualização dos títulos produzidos pelo/no discurso jornalístico em circulação na internet, com o objetivo de situar e compreender os efeitos de sentidos produzidos e as posições-sujeito mobilizadas em tais processos.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Mídia digital. Acontecimento jornalístico.

Resumen: A partir de un acontecimiento periodístico relacionado con la política ocurrido en agosto de 2022 dentro de un restaurante de carnes de São Paulo, nuestra análisis, vinculada al

¹ Universidade Federal do Sul da Bahia - Itabuna - Bahia - Brasil.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil.

Análisis del Discurso de base materialista, se centra en los procesos de textualización de los títulos producidos por/en el discurso periodístico que circula en internet, con el objetivo de situar y comprender los efectos de los sentidos producidos y las posiciones-sujeto movilizadas en dichos procesos.

Palabras clave: Análisis de Discurso. Medios digitales. Acontecimiento periodístico.

Abstract: Based on a journalistic event related to politics, which took place in August 2022 inside a steakhouse in São Paulo, our analysis, grounded in materialist Discourse Analysis, focuses on the textualization processes of the headlines produced by/in journalistic discourse circulating on the internet. The aim is to situate and understand the effects of meaning generated and the subject positions mobilized in these processes.

Key-words: Discourse Analysis. Digital Media. Journalistic Event.

Introdução

O presente artigo, que desenvolve e aprofunda um trabalho anterior³, se configura enquanto um percurso filiado, teórica e metodologicamente, à Análise do Discurso de base materialista, desenvolvida na França a partir dos estudos de Michel Pêcheux e ampliada por pesquisadoras e pesquisadores no Brasil.

O cerne de nossa proposta é situar o funcionamento do discurso jornalístico a partir da análise de manchetes que circularam na mídia digital em torno de um acontecimento relacionado à política, ocorrido em uma churrascaria, na cidade de São Paulo, quando da chegada do então presidente da República, Jair Bolsonaro, em agosto de 2022; dois meses, portanto, antes da eleição presidencial, a qual era candidato. Em alusão à epígrafe mobilizada no início deste texto, buscamos compreender, a partir das *mãos nervosas de diferentes sujeitos-repórteres*, os processos de textualização dos títulos em torno desse acontecimento jornalístico (Dela Silva, 2017), que produz sentidos em torno do comportamento material (Althusser, 2008) das pessoas presentes.

De acordo com o G1⁴, de 07 de agosto de 2022, Bolsonaro parou em uma churrascaria, na Zona Oeste de São Paulo, a caminho do Allianz Parque, onde assistiria ao jogo de futebol entre os times do Palmeiras e do Goiás. Entretanto, se retirou do local antes de almoçar, porque o comportamento material (Althusser, 2008) dos clientes que estavam no local produziram efeitos sobre/com sua presença.

Com a expressão “comportamento material”, inscrevemos o trabalho de Althusser (2008) para apreender comportamentos tanto indiretos quanto diretos das pessoas presentes, os quais inscrevem, conforme nossos gestos de análise, diferentes direções de sentidos em torno do acontecimento da ida de Jair Bolsonaro à churrascaria, o que não é sem consequências. Althusser (2008) tem entre seus interesses explicar o funcionamento material da ideologia e sua eficácia nas práticas, sem perder de vista suas divisões operadas nas diferentes instituições e organizações que compõem os Aparelhos Ideológicos de Estado. Conforme Althusser (2008, p. 205), tais práticas, sob o efeito de evidência produzido pelo mecanismo ideológico, incidem em comportamentos materiais cuja atuação possibilitam ao

³ Trata-se da apresentação de trabalho na Sessão Temática “Discurso político e efeitos ideológicos: práticas autoritárias e movimentos de resistência”, durante o Congresso organizado pelo DNC5ALED e intitulado *Os discursos e seus impactos em um mundo com múltiplas crises*, que aconteceu em Valencia/Espanha, entre os dias 25 e 28 de julho de 2023.

⁴ Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/08/07/bolsonaro-e-vaiado-e-aplaudido-em-churrascaria-em-sp.gh.html>. Acesso em: 09/07/2024.

sujeito vincular-se àquelas “ideias que sua consciência lhe inspira ou aceita livremente”. O autor exemplifica:

Um indivíduo acredita em Deus, no Dever, ou na Justiça, etc. Essa crença depende (para todo o mundo, isto é, para todos os que vivem em uma representação ideológica da ideologia que a reduz a ideias dotadas, por definição, de existência espiritual) das ideias do indivíduo em questão, portanto, dele como sujeito dotado de uma consciência na qual estão contidas as ideias de sua crença. Em virtude disso, isto é, em virtude do dispositivo “conceitual” perfeitamente ideológico instalado dessa forma (um sujeito dotado de uma consciência onde forma ou reconhece livremente as ideias em que acredita) resulta, naturalmente, o comportamento (material) do sujeito em questão (Althusser, 2008, p. 281).

Ainda que de forma preliminar, Pêcheux (2014 [1975]) inscreve os comportamentos na produção discursiva: entendendo o “gesto como ato simbólico” (p. 78), articula o funcionamento e a importância do comportamento ao tratar dos mecanismos de antecipação. Além de uma fala pública política, podemos citar, no caso de nosso trabalho, o comparecimento de um presidente da república em um local público possibilita ensejar comportamentos capazes de mobilizar “um sistema de signos não linguísticos tais como, no caso do discurso parlamentar, os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios (Pêcheux, 2014 [1975], p. 78). Tais comportamentos, para Pêcheux (2014 [1975]), podem atuar tanto de forma indireta, tal qual nos exemplos mencionados, assim como de forma direta (como uma bomba lançada na Assembleia) em relação àquele que ocupa a posição de orador.

Marcamos como gesto inicial de nosso percurso o levantamento feito no *Google*⁵, por uma bolsista de uma das autoras, a partir da expressão “Bolsonaro churrascaria”, o que originou dois blocos de manchetes. Tal busca foi motivada, sobretudo, pela relação estabelecida com notícias que circularam em diferentes plataformas digitais, quais sejam, *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, a respeito do ocorrido em São Paulo.

Nosso *corpus*, assim, é constituído por sete títulos de matérias que circularam na mídia digital sobre tal acontecimento logo após sua ocorrência. Articulando os estudos de Mariani (1998) e Dela Silva (2008), levamos em conta, da perspectiva teórica, o gesto de interpretação da/na prática jornalística, tanto na seleção de um determinado fato que irá compor uma notícia, assim como no processo de formulação da notícia, que envolve o título. Além dos títulos integrarem esse processo de formulação da notícia, nossas análises se voltam para esses “enunciados sucintos” por se tratarem, sobretudo, de “chaves para a decodificação da

⁵ Esse levantamento foi feito, durante o mês de agosto de 2022, pela graduanda do curso de Letras da UERJ e bolsista PRODOCÊNCIA, Gabrielle Sant’Anna de Oliveira.

mensagem, se convenientemente propostos” (Guimarães, 1995, p. 51). Os títulos recebem grande importância na prática jornalística, afinal, como salienta Bahia (2009, p. 58), é o título que anuncia o fato, resume a notícia, pode inscrever efeitos artísticos sobre um determinado acontecimento: sobre ele recai o efeito, se não formulado adequadamente, de ser assumido como o “jazigo de uma notícia forte”.

A partir das reflexões de Corten (1999), ressaltamos que os sujeitos autorizados a falar sobre o acontecimento na churrascaria têm o “poder do relato”, pois, ao capturarem os leitores por seus relatos da história os tornam adeptos, “súditos”⁶: os sujeitos se manterão leitores a depender “da maneira como terão sido relatados os gestos e feitos” (Corten, 1999, p. 47) de Bolsonaro por aquela mídia. O ocorrido na churrascaria, por sua vez, comparece porque as condições de produção discursiva alçam-no a acontecimento jornalístico, o qual produz um efeito de (en)cerramento, de um enquadramento de uma determinada cena política, que funciona mobilizando determinadas formações imaginárias relacionadas ao período eleitoral.

Os discursos formulados pelos sujeitos-jornalistas, desse modo, evidenciam uma “cena” a partir de suas enunciações “e, ao mesmo tempo”, a legitimam (Corten, 1999, p. 42) no efeito de evidência de seu comparecimento e de sua “circulação concorrencial” (Corten, 1999, p. 46), afinal, “o político seria [...] o verdadeiro movimento de forças que o efeito de relato constitui” que, por sua vez, é produzido pela concorrida circulação das versões narradas (Corten, 1999, p. 48). Na esteira do exposto pelo autor, que problematiza as evidências produzidas pelas/sobre as narrativas políticas, compreendemos que este acontecimento jornalístico atua mobilizando disputas e tensões em torno da polarização da/na política brasileira.

O grande arquivo

Por considerarmos as condições de produção do discurso jornalístico em análise, ou seja, as circunstâncias imediatas e a conjuntura sócio-histórico-ideológica (Orlandi, 2015) em que ocorreram, situamos nossa tomada de posição em relação ao *Google*: por encaminhar a outros sites e arquivos, compreendemos como “um arquivo de referência” (Mittmann, 2008, p. 120), o grande arquivo. A composição do *corpus*⁷ indicia um arquivo próprio de análise, posto que a materialidade técnica desse *software* atua enquanto “mecanismo de articulação

⁶ O significante foi empregado pelo autor para se referir aos súditos do rei Luís XV. Nós o trazemos como metáfora para nos referir aos leitores fidelizados a alguma mídia digital.

⁷ Entendemos o movimento de constituição do *corpus* empírico como um movimento de constituição de arquivo.

interna ao arquivo, que regula a inserção e a exclusão de elementos, além de uma hierarquização diante dos objetivos do internauta” (Mittmann, 2008, p. 120). Trata-se de um processo contínuo de (re)arranjos do arquivo digital a partir e com base nos movimentos do sujeito na posição internauta. Um arquivo que, conforme adverte Mittmann (2008), atua nas/pelas relações de força e de conflito que engendram os processos de constituição, formulação e circulação dos discursos.

Conforme aponta Dias (2007), o “território digital da internet é uma das facetas do acontecimento tecnológico do século XX” (p. 39), se constituindo em um importante espaço de comunicação, considerando o seu surgimento e a sua rápida expansão. Não é por outra razão que Galli (2011) se refere à internet como o grande arquivo eletrônico, considerando, não obstante, que, embora se expanda, “deixa restos, aponta faltas, não suporta a completude, não se fecha nunca” (p. 12). Nossa tomada de posição, assim, assume esse arquivo constituído pelo imaginário de completude e que é, por sua vez, marcado como espaço de incompletude, de embates e (re)arranjos.

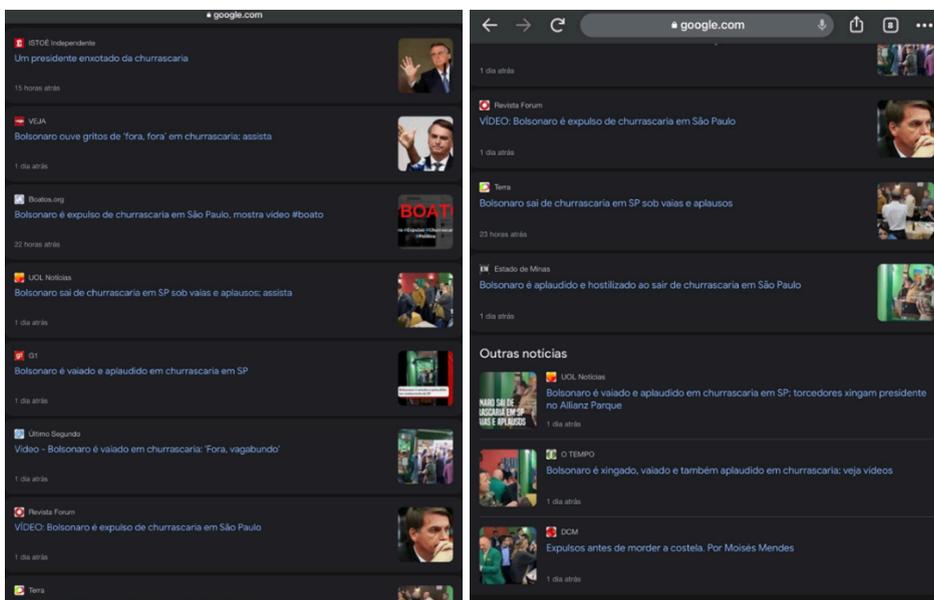
Para examinar a materialidade técnica, no entanto, precisamos mobilizar a noção de algoritmo, compreendido, aqui, como um “processo iterativo e finito (um conjunto de regras lógicas) destinado à resolução de problemas ou à execução de tarefas” (Sodré, 2021, p. 47), capaz de aprofundar e organizar tecnicamente esses “reguladores e ou mediadores do arquivo” (Moreira; Romão, 2010, p. 115). Nas palavras de Sodré, o algoritmo é

[...] um código que define uma sequência de procedimentos matemáticos e ações humanas. Embora seja o resultado de uma programação, a sua expansão lógica já aponta para uma virtual autonomia técnica a exemplo do robô. Midiática e algorítmica, a palavra código eleva-se, no plano reflexivo, a uma hipersignificação: a lógica de controle e de adaptação implicada na reestruturação do modo de produção capitalista (a passagem do produtivismo competitivo à abstração financeira ou da economia industrial à digital) e na instituição do consumo como sistema estratégico (2021, p. 47/48).

Com tais reflexões sobre o processo de regulação e mediação imposto pelo funcionamento algorítmico, pretendemos desnaturalizar e opacificar o funcionamento do arquivo digital, de modo que, ao mobilizarmos o *print* dos dois blocos de manchetes em questão, o compreendamos como objetos tecnológicos que, embora suscetíveis a mudanças, garantem às notícias, ao serem distribuídas, a manutenção de uma regularidade, conforme proposto por Adorno de Oliveira (2015). Destacamos que nos blocos apresentados a seguir (figura 1), temos a distribuição vertical de diferentes mídias: jornais, portais, *sites* de entretenimento, revistas. A seleção do que comparecerá no(s) bloco(s), por sua vez, decorre

da articulação entre o levantamento e a materialidade técnica, afinal, “com o auxílio da informática e das tecnologias de conexão em rede, a constituição de arquivos textuais tornou-se prática bastante recorrente da mídia, em nossa formação social” (Dela Silva, 2017, p. 134), permitindo a criação de arquivos que vão desde “as capas de revista” até “edições na íntegra de jornais”, inscrevendo, justamente, um imaginário de saturação e totalidade em torno da criação de arquivos.

Figura 1



Fonte: *print* de tela realizado por uma das autoras

A materialização linguística dos títulos que comparecem no arquivo digital alça o acontecimento da ida/chegada de Bolsonaro à Churrascaria enquanto um acontecimento jornalístico. Por discurso jornalístico, compreendemos o que está exposto em Mariani (1998): um *discurso sobre* por “tomar objeto aquilo sobre o que se fala”, produzindo, assim, no/para o sujeito enunciador, um “efeito de distanciamento”, de imparcialidade (p. 63). O acontecimento jornalístico, noção anteriormente mobilizada, na relação com o funcionamento do discurso jornalístico, coloca em questão, conforme Dela-Silva (2017, p. 135 *apud* Dela-Silva, 2015, p. 224), “uma prática discursiva, uma vez que, ao ser formulado promove gestos de interpretação que atualizam e retomam sentidos em curso em um dado momento histórico, o acontecimento jornalístico.

“demanda a intervenção de um sujeito-jornalista inscrito em uma conjuntura sócio-histórica, responsável por fazer a sua inscrição na linguagem e na história, possibilitando o gesto de interpretação que o inscreverá dentre os acontecimentos de uma época” (Dela-Silva, 2017, p. 136).

Assim, as diferentes posições dos sujeitos-jornalistas, que discursivizam sobre esse acontecimento jornalístico, inscrevem uma determinada “cena política”, (de)marcada nos títulos (ou manchetes) apresentados no *print*, projetando, assim, diferentes imagens dos envolvidos na trama discursiva em jogo.

Ao considerarmos que o sentido é determinado “pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (Orlandi, 2015, p. 43), entendemos que os diferentes sujeitos-jornalistas ao formularem, nos títulos, sobre esse acontecimento jornalístico, o fazem a partir das suas posições ideológicas. E as marcas dessas posições estão no modo como cada um deles textualiza o episódio da churrascaria. Na relação entre o que aconteceu e o que comparece nos títulos, a partir dos efeitos de evidência produzidos, consideramos que esse acontecimento jornalístico produz diferentes sentidos, mobilizando, assim, diferentes cenas.

A concorrida circulação de diferentes formulações sobre o acontecimento tem no “político [...] o verdadeiro movimento de forças que o efeito de relato constitui” (Corten, 1999, p. 48). A língua política dissemina, prolifera enunciados muitas vezes transformadores, conferindo sentido a novas cenas “de representação das forças políticas” (Corten, 1999, p. 49). O efeito de relato da língua política pode ser relacionado, assim, a uma “ficção poderosa”, “uma memória” (Corten, 1999, p. 50), pois “o político é, de fato, em si mesmo uma representação”, ou seja, “a cena das forças políticas construída pelo discurso”. Assim, somos levadas a compreender que os elementos que constituem a cena da churrascaria “perpassam a sociedade” como “forças” à vista, “de maneira mais ou menos precisa por todos” (Corten, 1999, p. 37), porém, diferentemente discursivizadas pela mídia, pois o “que constrói a montagem e delimita o fechamento da cena é o discurso em sua circulação” (Idem).

Gestos de análise

Apresentaremos a seguir as sequências discursivas referentes aos títulos recortados do *print* dos blocos⁸. Por uma questão metodológica, a disposição das sequências em análise não obedece à disposição do *print*:

SD1: *Expulsos antes de morder a carne* (DCM)

SD2: *Um presidente enxotado da churrascaria* (Isto é Independente)

SD3: *Bolsonaro é expulso de churrascaria em São Paulo* (Revista Fórum)

SD4: *Bolsonaro é xingado, vaiado e também aplaudido em churrascaria em São Paulo* (O Tempo)

SD5: *Bolsonaro sai de churrascaria em SP sob vaias e aplausos* (Terra)

SD6: *Bolsonaro é vaiado e aplaudido em churrascaria em SP* (G1)

SD7: *Bolsonaro é aplaudido e hostilizado ao sair de churrascaria em São Paulo* (Estado de Minas)

Nossos gestos analíticos partem dos termos (verbos e locuções verbais), em destaque nas sequências discursivas, por entendermos que os sujeitos-jornalistas, ao textualizarem que Bolsonaro foi expulso, vaiado, hostilizado, enxotado ou aplaudido, projetam imagens não apenas da cena política assumida nesse acontecimento jornalístico, mas do político-protagonista nela envolvido.

Voltamos nossa atenção às diferentes possibilidades de dizer sobre o comportamento material das pessoas que almoçavam na Churrascaria paulistana, em 06 de agosto de 2022, para estabelecermos relações de sentidos produzidos na mobilização de determinadas palavras (mais especialmente de sintagmas verbais) no lugar de outras. Compreendemos que os efeitos de sentidos produzidos por formulações, cuja evidência recai em Bolsonaro ser “expulso” ou “enxotado”, são diferentes de uma formulação segundo a qual Bolsonaro “sai sob vaias e aplauso” ou é “vaiado e aplaudido” em churrascaria, conforme constam nas sequências discursivas apresentadas. Retomando nossa reflexão anterior, outras cenas políticas são construídas, colocando em questão, por exemplo, a popularidade do candidato no período eleitoral.

Com esses diferentes sentidos em jogo, podemos questionar a inscrição a determinada formação discursiva⁹ mobilizada nos processos de textualização. Entendemos que em cada

⁸ Os títulos mobilizados para análise circularam no espaço digital entre os dias 06 e 07 de agosto de 2023.

⁹ A formação discursiva, conforme Pêcheux (2014, p. 147), é aquilo que “a partir de uma dada conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

uma dessas formulações se marcam diferentes posições-sujeitos, pois as matrizes as quais se filiam não são as mesmas, fazendo com que nesse movimento de atualização da memória haja mobilizações de diferentes posicionamentos (Indursky, 2011).

Como nos aponta Pêcheux, é possível “admitir que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem no interior de uma formação discursiva dada ter o mesmo sentido” ([1975] 1997, p. 161), o que nos leva a considerar “o sistema de relações de substituição, paráfrase e sinonímias [...] em uma formação discursiva dada” (p. 161). Assim, ainda que apresentem sentidos diferentes, as palavras “expulso” e “enxotado”, nas SD1 e SD2, inscrevem as posições sustentadas pelo/no discurso jornalístico em uma mesma FD. Ao considerar, entretanto, as expressões “sai [...] sob vaias e aplausos” (SD5) e “é vaiado e também aplaudido” (SD4), entendemos que tais expressões não são literalmente diferentes, ainda que tenham sofrido alterações em suas classes (vaias/vaiado; aplausos/aplaudido); nesse caso, também inscreveriam tais posições dos dois sujeitos-jornalistas em uma mesma FD, considerando, por exemplo, o já mencionado efeito de polarização causado pela projeção de duas imagens antagônicas dos envolvidos na “cena política” projetadas pelos interlocutores: os que vão e os que aplaudem, ou os que votam em Lula e os que votam em Bolsonaro. O não dito incide na produção de tais efeitos: não é porque não foi dito que “não está lá” porque o não-dito, impreterivelmente, “já está sempre lá, implícito e inegável” (Orlandi, 2008, p. 69).

Em relação às expressões “é xingado, vaiado e também aplaudido” (SD4) e “é aplaudido e hostilizado” (SD7), depreendemos o comparecimento do significante “aplaudido” nas duas sequências, mas se destaca na SD7 por aparecer à frente de “hostilizado”, o que só ocorre, vale dizer, nesta sequência. Na SD4, o funcionamento do significante “aplaudido” precedido por “e também” são marcas formais, um segmento que inscreve o único comportamento material positivo das pessoas em relação à popularidade do candidato. O termo “aplaudido” produz um efeito de acréscimo no fio do discurso que estabelece uma relação de contraparte dos comportamentos materiais anteriores, cujas formas materiais eleitas para o título são “vaiado” e “hostilizado”. Estas últimas, contudo, também encaminham para diferentes produções de sentidos: somente na SD4 o verbo “xingado” comparece, aderindo, em nosso entendimento, à mesma família parafrástica de “vaiado” (SD5 e SD6). O mesmo funcionamento não ocorre em relação ao termo “hostilizado”, pois dizer que Bolsonaro foi hostilizado vincula-o à posição de vítima de comportamentos assumidos como hostis e não a comportamentos que materializam a insatisfação em relação a seu mandato ou, ainda, simpatia com outro(s) candidato(s). Os comportamentos materializados por “aplaudido” e

“hostilizado” atuam silenciando as vaias e inscrevem os efeitos mais passionais da polarização política.

Seguem ainda mais duas sequências discursivas:

SD8: *Bolsonaro ouve gritos de “fora, fora”* (Veja)

SD9: *Bolsonaro é vaiado em Churrascaria: “Fora, vagabundo”* (Último segundo)

Optamos por apresentá-las apartadas do bloco das outras SDs por entendermos que se diferenciam ao trazer uma mesma especificidade, qual seja: nelas, é possível verificar a entrada do dizer de outros no dizer dos sujeitos-jornalistas, marcados, por nós, com o negrito: “fora, fora” (SD8) e “Fora, vagabundo” (SD9). Essa alteridade enunciativa, caracterizada pela inserção do dizer (em coro, nesse caso) de outros nas suas próprias formulações, é o que Authier-Revuz (1998) definiria como “heterogeneidade mostrada-marcada”, tendo as aspas como marcas explícitas, apreendidas linguisticamente, portanto, da presença das palavras de outros. Mobilizar um mesmo dizer para um grupo de pessoas produz um efeito de consenso entre os que gritavam: “fora”, fora da churrascaria, fora da presidência do Brasil, se entendermos o não-dito como um já-lá (Orlandi, 2008). A inclusão do comportamento material de quem quer Bolsonaro “fora” a partir da textualização do comparece nos gritos (salientando na formulação do título) podem indiciar, sob o efeito de neutralidade produzido pelo/no discurso relatado, um efeito de marcação mais incisiva do posicionamento político dos sujeitos que gritam.

Na análise dos sintagmas verbais mobilizados nos títulos no discurso jornalístico, depreendemos outros sentidos que mobilizam “comportamentos materiais”, considerando, respectivamente, as SDs 1 e 2, ao dizerem que Bolsonaro “foi expulso antes de morder a carne” e foi “enxotado de Churrascaria”: o efeito produzido é de que, sob a interferência de tais comportamentos, ele não consegue sequer almoçar, pois, os verbos “expulso” e “enxotado” encaminham para comportamentos diretos, que obstaculizam a sua permanência na Churrascaria. Entretanto, se considerarmos, respectivamente, as SDs 5 e 7, ao dizerem que Bolsonaro “sai de churrascaria em SP sob vaias e aplausos” e “é aplaudido e hostileado ao sair aplaudido e hostileado ao sair de churrascaria em São Paulo”, depreendemos do verbo sair (“sai”, “ao sair”), no processo de formulação do título, comportamentos materiais antagônicos (vaias-aplausos; hostileado-aplaudido) mas que não impediram que o então presidente permanecesse na Churrascaria e terminasse o almoço.

Desse modo, os diferentes efeitos produzidos nas formulações dos títulos fissuram tanto o acontecimento da chegada quanto o da permanência de Jair Bolsonaro na churrascaria, localizada em São Paulo, para almoçar. Produzem-se, assim, diferentes cenas políticas a partir desse acontecimento jornalístico, as quais colocam em suspenso e em suspeita vários aspectos do acontecimento.

Considerações finais

Ao analisar como esse acontecimento relacionado à política brasileira, durante o período das eleições presidenciais de 2022, foi discursivizado enquanto acontecimento jornalístico na/pela mídia digital, depreendemos espaços de tensão e de disputa no funcionamento de tais dizeres, por se filiarem a diferentes matrizes de sentidos. Afinal, como nos lembra Corten (1999), um funcionamento radical do político está na “discriminação entre amigos e inimigos” (p. 39), o que verificamos nos discursos produzidos por diferentes sujeitos-jornalistas, que, ao narrarem a história da churrascaria, produziram sentidos sobre “as forças políticas ao mesmo tempo que” as legitimam (p. 40).

Ainda que os verbos (ou locuções verbais) ‘sair’, ‘ser aplaudido e hostilizado’, por exemplo, tenham significado diferentemente ao serem mobilizados para falar sobre o ocorrido com o protagonista desse acontecimento jornalístico, entendemos que na relação entre algumas sequências discursivas há algo que se mantém porque não (se) assenta (n)a tensão, ou seja, estabilizam os processos de significação, ocupando, portanto, o mesmo espaço do dizer. Por outro lado, em análise das sequências discursivas em que comparecem os verbos (ou locuções verbais) ‘expulso’, ‘enxotado’, ‘xingado’ depreendemos outros processos de significação em jogo, movimentos de deslocamento, uma ruptura no modo de significar, pois outros sentidos para esse acontecimento são mobilizados.

Em nossos movimentos teórico-analíticos, buscamos compreender, no funcionamento do discurso jornalístico, o processo pelo qual um acontecimento jornalístico, envolvendo uma figura pública, incide na construção de diferentes cenas políticas, que colocam em questão, a partir do comportamento material, diferentes versões, que fissuram e tencionam não apenas o posicionamento político das pessoas presentes, mas as condições de produção do acontecimento.

Referências

- ADORNO DE OLIVEIRA, G. Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, SP 2015.
- ALTHUSSER, L. Sobre a reprodução. Trad. de Guilherme J. de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas: As não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BAHIA, J. As técnicas do jornalismo. Rio de Janeiro, RJ: Maud, 2009.
- CORTEN, A. Discurso e representação do político. *In*: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre. RS: Sagra Luzzato, 1999.
- DELA SILVA, S. O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 2008. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, SP, 2008.
- DELA SILVA, S. O sujeito mulher como acontecimento jornalístico, uma questão discursiva. *In*: SOARES, A. S. F.; GARCIA, D. A. Inquietações de gêneros e sexualidades: leituras na contemporaneidade. Porto Alegre: Evangraf, 2017.
- DIAS, C. O discurso sobre a língua na materialidade digital. *Revista Interfaces*, v. 2, p. 38-46, 2011.
- GALLI, F. C. S. As dobraduras do discurso, *Fragmentum*, nº 32. Laboratório Corpus: UFSM, Jan./Mar. 2012
- GUIMARÃES, E. A articulação do texto. São Paulo, SP: Ática, 2006.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). Memória e história na/da análise do discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- MARIANI, B. O PCB e a imprensa. Rio de Janeiro, RJ: Revan; Campinas, SP: Unicamp, 1998.
- MITTMANN, S. Redes e ressignificações no ciberespaço. *In*: ROMÃO, Lucília Maria Souza; GASPAR, Nádea Regina. Discursos midiáticos: sentidos de memória e arquivo. São Carlos, SP: Pedro & João, 2008, p.113-130.
- MOREIRA, V. L.; ROMÃO, L. M. S. Discurso e buscadores na Web: sentidos em movimento. *Verso e Reverso*, Unisinos, v. XXIV, n. 56, p.112-123. maio/ago. 2010.
- ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- ORLANDI, E. P. Terra à vista, discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- PÊCHEUX, M. [1975]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani [et al.]. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 59-158.
- SODRÉ, M. A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

NOTAS